

**PERTENÇA E IDENTIDADE FRAGMENTADAS**  
— ABORDAGEM SOCIOLÓGICA AO CONCELHO DA POVOAÇÃO

por  
OCTÁVIO H. RIBEIRO DE MEDEIROS \*

" A identidade fragmentada e a condição translocal, ou seja, o facto de se estar e viver ao mesmo tempo no e para além do espaço e tempo identitários, constituem o desafio do presente prolongado que também é o futuro"  
( Carlos Fortuna)

**Résumé**

En partant d'un cadre théorique qui prend compte certains indicateurs de "modernité", nous formulons l'hypothèse que le conseil ne répond pas de manière satisfaisante aux aspirations de ses habitants. Un tel fait provoque une attitude démobilisatrice en ce qui concerne la participation aux activités collectives liées au conseil, et réduit le sentiment d'appartenance et d'identité, aussi bien dans les couches les plus démunies que dans la "classe moyenne". Dans l'analyse générale, les données ne semblent pas devoir confirmer cette hypothèse de départ. Néanmoins, si le sens du mot "appartenance" doit être compris comme action et engagement, il en est bien ainsi.

Les jeunes (18-25 ans) et les plus "scolarisés", qui se sont révélés plus critiques, moins confiants et moins enthousiastes à l'égard du vécu collectif du conseil méritent une attention toute particulière.

---

\* Assistente da Universidade dos Açores

## Abstract

Having as a background a theoretical model that takes into account some indicators of modernity, we believe that the idea of Municipality does not correspond properly to the aspirations of the population. Such a concept does not motivate people to participate in the activities of the Municipality. The feelings of belonging and identity diminish both in the low and in the middle class families.

At first sight, the data do not seem to confirm the initial hypothesis. However, if by "belonging" and "identity" it is meant "commitment" and "action", the hypothesis is confirmed. Accordingly, we are drawn to the conclusion that the young (18-25 years of age) and those with a higher level of education seem more critical and, therefore, less hopeful, or interested in the collective life of the Municipality.

## Introdução

Em 1990, aquando do Colóquio realizado na Vila da Povoação, no qual se pretendia reflectir sobre "Vectores de Desenvolvimento no Quadro Comunitário", tive oportunidade de contribuir com uma abordagem aos desafios que a "modernidade" colocava ao Concelho<sup>1</sup>. Baseava-me, então, numa investigação sociológica às relações existentes entre os naturais da Povoação residentes em Ponta Delgada e o seu concelho de origem.

1 Cf. Octávio H. Ribeiro de Medeiros, "O Concelho da Povoação face aos desafios da modernidade". Separata da Revista INSULANA, Ponta Delgada, 1991. Entre os desafios lançados constava a ajuda aos agricultores para se tornarem inovadores hábeis; a atenção exigida para se captar, no diálogo com a realidade, as reais necessidades da comunidade, relativamente aos programas de desenvolvimento; a urgente superação da ideia preconceituosa de que "o povo não sabe o que quer"; evitar o "gheto" cultural ou a "marginalidade" possíveis numa situação de hibridismo cultural.

Os desafios então lançados procuravam obter respostas criativas e, se possível, originais que modificassem não só a realidade, mas o próprio sujeito. Não se passou da intenção.

Tal como ontem, não se vislumbra para o concelho um futuro risonho. O círculo vicioso que caracteriza o seu presente teima em não se converter em círculo virtuoso<sup>2</sup>. Torna-se, assim, necessário romper aquele círculo, transformando a relação "objecto-sujeito-objecto" em diálogo construtivo com um "eu/nós—tu/vós", superando, na medida do possível, a relação quase mecânica de um "eu/nós—eles/coisas"<sup>3</sup>.

Esta superação, porém, só é possível entrando em diálogo com o objecto de estudo. Só assim se cria a disponibilidade para "ouvir" o que aquele nos quer dizer. Ou, se se preferir, só assim se consegue fazer com que o objecto "nos fale". Depois, interiorizada a sua voz, poderemos falar a nós próprios<sup>4</sup> e contribuir, empenhadamente, para o aprofundamento e compreensão/explicação da realidade, valorizando o nosso papel na construção da sociedade.

Se nos limitarmos a esperar que a realidade mude por si—relação eles/coisas —, corremos o risco de perecer sem sequer vislumbrarmos a mudança. Esperar e ansiar nunca transformou o que quer que fosse. É necessário responder, como "profissionais" e como "cidadãos", às exigências de cada dia<sup>5</sup>.

Ora, esta resposta deve ser dada precisamente após termos escutado com atenção o objecto que "nos fala". Este diálogo, a avaliar pela situação em que se encontra o concelho, parece não existir.

2 Cf. Edgar Morin, *La Méthode - La Nature de la Nature*, Seuil, Paris 1977.

3 Cf. Boaventura de Sousa Santos, *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*, Edições Afrontamento, Porto 1989, 15.

4 Cf. P.L. Berger-B. Berger, *Sociologia - La dimensione sociale della vita quotidiana*, Il Mulino, Bologna, 1977, 81.

5 Cf. Max Weber, *O político e o cientista*, Ed. Presença, Lisboa 1979, 151. O autor alerta-nos para esta necessidade tendo por pano de fundo a canção duma sentinela edomita, da época do exílio, recolhida nas profecias de Isaías: Uma voz chega até mim de Seir, em Edom: "Sentinela, quando durará ainda a noite?" A sentinela respondeu: "Há-de chegar a manhã, mas é ainda noite. Se quereis perguntar, voltaí uma outra vez". E o autor conclui: "O povo a quem isto foi dito perguntou e esperou durante mais de dois mil anos e todos sabemos o seu comovedor destino". Não basta esperar e ansiar (p.151).

Responsáveis pela sua falta podem ser considerados todos os seus habitantes. Mas, de modo particular, aqueles que, por missão, mais atentos deveriam estar. É para isso que são "escolhidos" e "eleitos" e/ou vocacionados. Ao longo deste trabalho, quando analisarmos os dados, voltaremos ao assunto.

O concelho em estudo poderá ser caracterizado como unidade de sociabilidade em transição. Embora evitando a tentação das generalizações fáceis, podemos dizer que ele não conserva as características de um sistema social "tradicional", como também não satisfaz todas as que são definidoras de um sistema "moderno". Daí afirmarmos que estamos perante um "campo" de estudo em transição, onde algo do "tradicional" se alterou, mas onde muitas coisas subsistem, ainda que recriadas.

Parece-nos que os avanços da ciência e da técnica não se têm feito sentir com aquela acuidade que seria desejável. Assim sendo, compreende-se que não se tenham alterado substancialmente a natureza das relações sociais, dos processos e estruturas de apropriação, ou distribuição e de domínio, ou poder. No dealbar do século XXI, alguns dos aspectos do século XIX ainda se encontram presentes e actuantes: liberdade e igualdade; trabalho e alienação; sofrimento e resignação; ideologia e utopia; identidade e diferença. Como dizia alguém: "as coisas mudam de nome, mas o nome não muda as coisas". Infelizmente, em alguns casos. Pois, se bastasse mudar o nome para as coisas mudarem, talvez que a sociedade se encontrasse radicalmente transformada.

Mas sabemos que a realidade não se transforma por artes mágicas. Por isso, convém não esquecer a importância do contraponto passado e presente, se queremos compreender e/ou explicar a realidade social que é, ela própria, criadora de sentido e de discurso<sup>6</sup>. Neste contexto, o desenvolvimento e aperfeiçoamento da teoria sociológica não implica que se perca de vista a dimensão histórica dessa realidade. Realidade que está sempre em movimento e cujas configurações estáveis, normais, sincrónicas, representam momentos, sistemas e estruturas da mudança.

---

6 Cf. Boaventura de Sousa Santos, o.c., 31.

Na investigação que dá suporte a este trabalho, procurou-se não sacrificar as tensões diacrónicas do real. Captando-lhe o momento — inevitável — não se perdeu de vista o seu movimento. Tentou-se, sim, combinar a articulação dos momentos lógicos essenciais da reflexão, procurando descobrir, em linha interpretativa, o que eles traduzem, assumindo embora os limites da justificação.

É provável que não se tenha conseguido captar a relação complexa e essencial da realidade objecto de análise com a condição social da existência e as configurações da vida nela presentes. Essa limitação, porém, não impede o esforço de tentar compreender melhor os significados das condutas sociais, a captar com alguma perspicácia as lógicas de funcionamento dos sistemas sociais presentes, ou ainda a compreender como as pessoas apreendem um problema que lhes toca directa ou indirectamente e a tornar "visíveis" alguns dos fundamentos das suas representações.

Esta maior elucidação do real, exige uma grande abertura de espírito, uma metodologia, capaz de nos ajudar a compreender mais profundamente e a interpretar mais acertadamente as manifestações dos fenómenos da vida colectiva com os quais nos confrontamos, ou que nos interpelam no dia-a-dia.

### 1. Enquadramento teórico

O suporte teórico de que nos servimos para a contribuição ao já referido Colóquio, levantava várias questões e algumas interrogações. Com base nos elementos teóricos e nos dados estatísticos recolhidos, construímos o quadro geral de referência que transformamos em hipóteses de orientação<sup>7</sup>.

Era nosso objectivo, então, indagar sobre o tipo e intensidade das relações dos povoacenses "urbanizados" com o seu concelho de origem, bem como da percepção que dele tinham. Isto não só numa linha de "avaliação", mas também em ordem a uma visão prospectiva que se concretizaria na intenção de um "regresso definitivo" à sua terra de origem.

---

7 Cf. Octávio H. Ribeiro de Medeiros, o.c..

Impressionou-nos, pela positiva, o facto de, na referida investigação, 100% dos entrevistados ter afirmado que mantinha contactos com a sua terra de origem. O mesmo não se verificou quanto à avaliação do desenvolvimento do concelho. Agora, a maioria foi de opinião que o concelho se tinha desenvolvido pouco. Tal "percepção" não parece motivadora para um "regresso definitivo". De facto, apenas 24% dos homens e 9,7% das mulheres afirmaram já ter pensado no regresso. No entanto, 6,5% foi de opinião que as "barreiras" que separam o campo da cidade tendem a diminuir.

Em resumo, retomamos estes dados como apoio teórico ao presente trabalho. Este, sim, realizado com os residentes no concelho. Na presente abordagem tentaremos evitar que o resultado da conversação conosco mesmos, com os outros e com a realidade<sup>8</sup> prejudique a análise e interpretação dos dados, transformando aparências em realidades. Isto exige-nos a capacidade de superar a "ruptura", acto constitutivo de um procedimento que se pretende científico. Esta consiste precisamente no "romper com os preconceitos e as falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreender as coisas"<sup>9</sup>.

A melhor maneira de obviar a esta dificuldade será, sem dúvida, a representação teórica prévia, que tornará válida a experimentação ou verificação. Não é qualquer proposição que deve ser submetida a prova empírica, mas apenas aquelas que são produto de um quadro conceptual validamente conquistado e com fundamentação lógica. Assim construída, essa proposição deverá ser testada pelos factos através da verificação.

Estes actos do procedimento científico — ruptura, construção, verificação — não devem ser considerados como independentes entre si, mas constituir-se mutuamente. Assim sendo, a ruptura deve ser realizada não apenas no início do trabalho de investigação, mas na e pela construção do quadro teórico. Este, por sua vez, não podendo passar sem as etapas iniciais daquela, dará valor e qualidade à verificação.

8 Cf. Boaventura de Sousa Santos, o. c. , 29 .

9 Cf. Raymond Quivy - Luc Van Campenhoudt, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa 1992, 25.

Para que todos estes actos encontrem correspondência ao longo do desenvolvimento da investigação, esta deverá estruturar-se em fases ou etapas que, para serem fecundas, devem manter-se em permanente interacção. Estamos convencidos de que só assim conseguiremos tornar os círculos viciosos reflexivos e geradores dum pensamento complexo em círculos virtuosos. O mesmo é dizer, nada impede que reaprendamos a aprender aprendendo, pois o círculo tornou-se espiral em permanente reorganização conceptual e teórica<sup>10</sup>.

Como pôr em prática estas "virtuosidades", é questão a que não nos furtamos, embora conscientes das dificuldades que lhes são inerentes. A estas, acresce ainda o facto de eu próprio ser do concelho em análise. Se isto me confere alguns "direitos", também me pode criar algumas dificuldades quanto à objectividade e neutralidade que me são exigidas.

Para começar, nada mais metodológico do que tentar enunciar, com a clareza e pertinência possíveis, o que pretendemos saber, elucidar, compreender e/ou explicar.

O concelho da Povoação, ao longo dos tempos, tem vindo a passar por um processo de transformação. O seu isolamento geográfico, interno e no contexto espaço-ilha, é menos acentuado; a influência dos meios de comunicação social é notória; o aumento da escolarização das camadas mais jovens da população não tem comparação com o passado recente; a estratificação social é muito menos acentuada; é possível falar-se num processo de mobilidade transformadora; superou-se, significativamente, o monolitismo cultural, político e religioso; aumentou a partilha do poder e, consequentemente, a luta pelo poder, etc<sup>11</sup>.

Não obstante todos estes indicadores de "modernidade", o concelho parece não dar resposta significativa às suas populações, sobretudo aos mais jovens; continua a perder população ao ponto de alguém afirmar que "no que concerne à estrutura populacional, (...) o concelho, mormente algumas das suas freguesias, deve registar,

10 Cf. Edgar Morin, o. c. ; *O Paradigma Perdido - A Natureza Humana*, Pub. Europa-América, Lisboa 1982.

11 Cf. Octávio H. Ribeiro de Medeiros, o. c. ,9.

num ritmo relativamente acentuado, um crescente envelhecimento demográfico<sup>12</sup>; o sentimento de pertença ao concelho não se traduz em acções de empenhamento; algumas formas de participação parecem mobilizar "elites", mas não o povo; uma ténue identidade concelhia, refreia a mudança.

Enfim, parece-nos que o quadro teórico em que nos movemos depende de factores exógenos ao concelho e de outros endógenos. Entre eles, convém não esquecer a não existência de um modelo de desenvolvimento. Como já afirmei noutra obra, os programas propostos, de cima para baixo, como "contributo ao desenvolvimento" nem sempre vão de encontro às necessidades das comunidades onde são implementados<sup>13</sup>. E estas, por seu lado, quase nunca são ouvidas, nem conseguem controlar as opções. Por vezes, para não dizer sempre, a razão da força política sobrepõe-se à força de outras razões, mesmo que mais válidas e fundamentadas.

Além deste factor, parece-nos que o aumento progressivo de urbanização, verificado nos últimos anos, tem vindo a aprofundar não só as assimetrias dentro da ilha, mas a própria marginalização das populações das periferias. E o nosso campo de estudo entra dentro dos parâmetros de "periferia". A centralização do poder económico, político e cultural, contribui para a cristalização irreversível das chamadas "culturas de pobreza"<sup>14</sup>. Estas, por norma, não são nem geradoras nem alimentadoras de sentimentos de pertença e de identidade profundos.

Não basta dizer-se que o concelho é "o mais belo da ilha" e que "tem gente tão capaz quanto os outros", para se criar nas populações o gosto de ser e de estar nesse espaço. É preciso colocar essa "beleza natural" e esse "capital humano" ao serviço de todos e de cada um dos residentes.

12 Cf. "Enquadramento Demográfico" in: *Concelho da Povoação - Entre Identidade e Representações*, Câmara Municipal da Povoação, Povoação, 1993.

13 Cf. Octávio H. Ribeiro de Medeiros, o. c., 24.

14 Cf. João Ferreira de Almeida, *Valores e Representações Sociais, "Portugal - Os próximos 20 anos"*, VIII vol., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1990, 60.

Assim, o concelho será "de maravilhas e sonho", não para "olhos cansados", mas para o povo que lá vive e trabalha. Isto parafraseando o poema: "De maravilhas e sonho, dizem que as ilhas são. É sim p'ra olhos cansados, mas p'ra meu povo inda não".

Outro factor que convém não descurar é o que se refere à qualidade e quantidade da escolaridade, da instrução e da informação circulante. Se, por um lado, este factor poderia contribuir para uma maior capacidade de "descodificação" das mensagens da "grande política", por outro, parece que está aumentando o "analfabetismo funcional"<sup>15</sup>. Isto vem agravar ainda mais a taxa de analfabetismo do concelho até há pouco tempo das mais elevadas do Arquipélago.

Além disso, a crescente quebra de emprego que se tem verificado no sector primário, sem a correspondente capacidade de absorção dessa mão-de-obra pelos outros sectores, é outro factor que não podemos descurar. Acresce, ainda, o fenómeno da "feminização do emprego"<sup>16</sup> que cria uma nova mentalidade nas "domésticas", alimentando-lhes expectativas quanto à possibilidade de uma maior afirmação e acção na sociedade. Esta situação, porém, não encontrando concretização no espaço concelhio pode transformar-se em indicador negativo de pertença e de identidade. Problemática idêntica, e quiçá mais gravosa, diz respeito ao crescente volume de emprego precarizado e ao desemprego não só dos menos qualificados, que não apenas mulheres, mas também de alguns dos "mais habilitados", ainda que sem preparação técnica apropriada.

Todos estes factores são geradores de desencantamento, não só nos grupos mais desfavorecidos da população residente — em maior número do que o das estatísticas — mas também nos grupos considerados como "classe média".

As expectativas sonhadas e perspectivadas como não realizáveis no espaço concelhio, levam os indivíduos a projectar a sua concretização fora desse espaço. Surge, então, o estrangeiro como "eutópos"

15 Cf. IDEM; Roberto Carneiro, *Educação e Emprego em Portugal - Uma Leitura de Modernização, "Portugal - Os próximos 20 anos"*, V vol., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1988.

16 Cf. João Ferreira de Almeida, o. c., 60.

por excelência. Tal projecção, alimentada pelo imaginário já entranhado na nossa quotidianidade, enfraquece, assim hipotizamos, o sentido de pertença e de identidade. E quanto mais aquele "eutópos", de há muito eleito como lugar de realização, for pressentido como "logo ali", mais se enfraquecerá aquele sentimento. Então, emigrar será sempre mais sinónimo de realização pessoal e profissional para todos quantos preferem a mudança arriscada à estabilidade sem futuro e a inovação ambicionada à repetição legada.

Este enquadramento teórico poderá constituir, assim cremos, outras tantas hipóteses operativas. Ao descrevê-lo, recordei o que dizia o poeta:

"Felizes os infelizes  
Que não criam raízes"<sup>17</sup>.

Este "desenraizamento", sobretudo psicológico, é mais agravado quando interiorizado por quem vive pensando que :

" meu mundo é isto  
ver o povo  
aguardar o visto"<sup>18</sup>.

E tudo isto vivenciado numa quotidianidade em tensão dialéctica de quem deseja "partir" sem querer deixar de "ficar", mesmo que seja apenas para "ceifar coragem" e para fazer de sua terra ( este concelho) "lugar de estar e de resistir"<sup>19</sup>.

## 2. Das hipóteses à verificação

### Confronto com os dados

Procurámos no número anterior descrever o enquadramento teórico, suporte da investigação. Pretendemos não nos limitarmos a simples definições terminológicas, mas dar conta de alguns aspectos do real, no intuito de nos confrontarmos com ele. Por isso mesmo dizíamos que o enquadramento teórico pode ser transformado em

17 Almeida Firmino, *Narcoese(Obra Poética Completa)*, Col. Gaivota, n.º 27, SREC, Angra do Heroísmo 1982, 122

18 *IDEM*, 137.

19 J.H.Santos Barros, *S. Mateus, Outros Lugares e Nomes*, Vega, Lisboa 1981, 81.

hipóteses operativas. Em tal contexto, porém, estas poderiam permanecer ao nível do implícito, prejudicando, em parte, o confronto com a realidade.

Partindo do princípio que qualquer hipótese é sempre uma pressuposição que deve ser verificada, pois apresenta-se como a antecipação de uma relação entre dois (ou mais) conceitos, ela deve ser expressa sob uma forma observável. Para maior consistência metodológica procurámos que a nossa hipótese não se baseasse em preconceitos ou estereótipos da cultura do meio. Exemplo deste tipo de hipótese seria: "o sentimento de pertença é mais forte nas mulheres dado que são mais sentimentais e mais acomodadas".

Hipóteses deste género, ainda que aparentemente confirmadas, não se enquadram no modelo de construção e pouco ou nada contribuem para a compreensão da realidade. São não só inúteis como perigosas. Inúteis, porque geralmente desmentidas pelas análises sistemáticas e correctamente construídas. Perigosas, porque podem encontrar confirmação nas aparências e dar ao erro um aspecto de verdade<sup>20</sup>.

Construir hipóteses não é tarefa fácil, pois elas devem articular-se entre si e integrar-se logicamente na problemática que estudamos. E dado que a hipótese é apenas uma resposta parcial ao problema que nos colocamos, torna-se útil e necessário conjugar várias hipóteses articuladas logicamente no intuito de abrangermos um leque mais vasto de aspectos presentes na realidade.

Assim, não basta enumerar, isoladamente, os factores que influenciam a variável dependente — pertença e identidade. É necessário construir um sistema de relações que seja o mais esclarecedor e vinculante possível.

Do quadro teórico anteriormente delineado é possível uma elaboração e formulação de hipóteses orientadoras. Estas deverão corresponder aos objectivos estabelecidos e ter em conta uma resposta sociológica à demanda feita pela entidade proponente — a Câmara Municipal de Povoação.

20 Cf. Raymond Quivy, o. c. , 138-139.

Hipotizamos em geral que o Concelho da Povoação, entendido como unidade de sociabilidade em transição, mais notória numas freguesias do que em outras, bloqueado quer por factores exógenos, quer endógenos, não consegue responder significativamente à maioria das aspirações — manifestas e/ou latentes — dos seus habitantes, não obstante os sinais de "modernidade" nele presentes e detectados.

Dado que a maioria da população não encontra a resposta adequada para a realização das aspirações no espaço concelhio, e atendendo a que a frustração das expectativas gera um sentimento de "estar" sem "ser", ou de "ficar" sonhando a hora de "partir", prevê-se uma desmotivação pessoal e ao nível do empenhamento em actividades concelhias, bem como uma tendência para emigrar, como forma de realização completa.

Ora, dado que esta atitude de espírito manifestamente caracterizada pela indiferença e por uma participação pouco activa e significativa, em actividades do meio, pouco ou nada favorece o sentimento de pertença e de identidade, quer na sua vertente individual, quer na social, uma vez que aquele sentimento implica um "ser" e "estar" assumidos no compromisso e na acção, é de prever que aquele sentimento seja pouco expressivo no todo da população.

Formuladas as hipóteses, importa verificar se as informações recolhidas correspondem de facto às hipóteses levantadas ou, por outras palavras, se os resultados obtidos correspondem aos esperados. Trata-se, pois, da verificação empírica. A realidade é sempre mais rica e complexa do que as teorias e hipóteses que elaboramos a seu respeito. Assim sendo, é de prever que uma observação séria revele outros factos não esperados e outras relações que devemos aproveitar. Neste contexto, pode afirmar-se que a observação desempenha também a função de interpretar aqueles factos e rever ou reformular as hipóteses iniciais. As conclusões, por seu lado, deverão dar conta deste aperfeiçoamento ao modelo de análise e lançar propostas ou pistas de reflexão úteis a futuros trabalhos de investigação<sup>21</sup>.

21 Cf. IDEM, 211.

Quando se pretende testar hipóteses deve-se, em primeiro lugar, exprimir os seus dois termos para, depois, se examinar a relação existente (ou não) entre eles. Trata-se, pois, de pôr em evidência as características da distribuição das variáveis que são obtidas pelos dados.

Neste trabalho teremos de analisar a variável freguesia e a variável concelho. Ou se se preferir, podemos dizer que nos interessa estudar duas modalidades da variável pertença: pertença à freguesia e pertença ao concelho. Como também se poderia optar por analisar duas modalidades da variável espaço: espaço freguesia / espaço concelho.

Pensamos que o sentido de pertença se relaciona com diversas variáveis. Entre elas, o "sentir-se bem no lugar onde se vive". Assim, os resultados esperados deverão traduzir tal relação, pois as hipóteses elaboradas devem exprimir as relações mais correctas. Neste sentido, às percentagens elevadas de quem se sente bem no lugar onde vive devem estar associadas as percentagens de sentimento de pertença mais elevadas, e vice-versa.

Da leitura dos dados, verificamos que os valores mais elevados são dos que se consideram, primeiro que tudo, como açorianos(35%), seguindo-se os que se consideram como povoacenses(do concelho) e, finalmente, os que se assumem primeiro que tudo como habitantes de sua freguesia(26,6%). O horizonte arquipelágico é mais valorizado que o pequeno espaço freguesia. Esta valorização, porém, parece não afectar o sentido de pertença à freguesia. De facto, podendo optar por responder se se sentiam bem onde viviam ou se desejavam mudar de lugar, 85,5% afirmaram sentir-se bem. Este valor é significativo não só quando considerado isoladamente, mas também quando o relacionamos com modalidades de outras variáveis. Assim, quando a freguesia é notícia na Comunicação Social, as percentagens das categorias de satisfação, acumuladas, atingem os 69% do total, sendo as restantes categorias pouco significativas: 8,2% para os que se consideram indiferentes à notícia e apenas 2,3% para o não sei/ não responde.

Estes valores percentuais sobem ainda mais à medida que particularizamos os itens: dos 77% quando a "Banda de música local" é notícia, até aos 90% quando a notícia é relativa à paróquia.

Para 40,5% dos entrevistados a freguesia constitui o espaço de permanência e de convivialidade, incluindo o fim-de-semana. Contrariamente a estes, 10,5% costumam sair muitas vezes da freguesia e 48,5% algumas vezes.

Para uns e outros, porém, a freguesia parece não esgotar a vivência da sociabilidade, pois 72,4% afirma ter amigos noutra freguesia. Destes, 81% tem-nos noutra freguesia do concelho, parecendo privilegiada a da Povoação, onde 25,3% do total diz ter amigos. Outras variáveis importantes, como a idade, o sexo, o nível de instrução, e até a própria freguesia não podem ser descuradas.

No que se refere à idade, são os jovens (18 a 25 anos) que menos percebem o espaço freguesia como espaço totalizante, que menos percentuam o sentir-se bem na sua freguesia, e que mais desejariam mudar de lugar. Estes dados encontram correspondência significativa quando confrontados com respostas sobre a pertença e identidade. São eles que mais se identificam como açorianos, em detrimento da sua freguesia e do próprio concelho (38,8% como açorianos e apenas 22,5% como habitantes da sua freguesia). A identificação com o Arquipélago revela-se em todos os grupos mais forte do que a pressentida quanto à unidade mais próxima — a freguesia.

Quem se sente bem na freguesia considera-se, em maior percentual, como habitante dela do que os que desejariam mudar (28,5% para 23,8%). Parece confirmar-se, assim, que a expressa vontade de mudar diminui o sentimento de pertença à freguesia.

Além disso, os jovens são os que mais se "movimentam" no concelho, sobretudo pelas amizades que criaram e alimentam com habitantes de outras freguesias (25,5% para 14% dos outros dois grupos). Ao fim-de-semana, contrariamente ao que acontece com os mais velhos, 13,3% dos jovens afirmam sair muitas vezes de sua freguesia (para apenas 4% dos mais velhos). Na categoria nunca, a desproporção é ainda mais notória - 65,3% dos velhos para 17,3% dos jovens.

Quanto à variável sexo, são os homens que mais se identificam como açorianos (37,4% para 33,2% das mulheres), enquanto que a pertença à freguesia é mais valorizada pelas mulheres - 27,8 para 25,2% dos homens. São elas também que menos amigos têm noutras

freguesias (76, e 69,4% para homens e mulheres, respectivamente). A variável instrução, embora não alterando a ordem verificada, oferece-nos algumas achegas importantes. A "reivindicação" de pertença à freguesia decresce significativamente, à medida que aumenta o grau de instrução, passando dos 32% do nível inferior à 4ª classe para 23,8% dos que possuem nível superior à 4ª classe. O inverso acontece quanto à pertença ao Arquipélago 33% - 37% - 38%, respectivamente para inferior, igual e superior à 4ª classe.

O grau de satisfação quando a freguesia é notícia, em categorias acumuladas, é mais acentuado nos indivíduos com a 4ª classe (92,6%) seguidos dos que tem um nível superior àquela classe (89%) e, finalmente, pelos que possuem nível inferior à 4ª classe.

Utilizando os extremos, verificamos que o grau de satisfação aumenta com o nível de escolaridade. Quanto à paróquia, observamos precisamente o inverso, isto é, diminui o grau de satisfação (percentagens acumuladas) à medida que aumenta a escolaridade. 97, 92 e 75%, respectivamente.

As variáveis idade e instrução parecem demonstrar forte relação na configuração de pertença. Isto não invalida o peso representativo de outras variáveis presentes. Citamos, como exemplo, a situação face ao trabalho, em que os que se consideram desempregados demonstram menor sentimento de pertença à freguesia do que os que trabalham: 23,3% e 27,3% respectivamente.

Após este confronto no que se refere ao sentido de pertença à comunidade local, vamos analisar os dados referentes à pertença ao concelho. Este espaço constituía, aliás, o escopo principal da investigação. A freguesia entrava como unidade hipotizada de maior aglutinação referencial. O concelho, por seu lado, interessava-nos sobremaneira, pois era explícito por parte da entidade proponente o interesse pelo "todo". Convém lembrar ao leitor que a sede do concelho é bem central. No entanto, e contrariamente ao que se verifica com outros concelhos da ilha, as freguesias que constituem o concelho da Povoação não se "vêm" umas às outras. Apenas uma exceção, a freguesia de Nossa Senhora dos Remédios.

Parecendo uma observação sem interesse, julgo importante referi-la, pois é provável que este facto seja "responsável" pela falta de "unidade" que se verifica quanto ao espaço concelhio considerado

como um todo. A propósito, julgo significativo relatar um facto em que participei. Estava à espera de tomar o autocarro para ir passar o fim-de-semana na Povoação. Entre as pessoas que se encontravam na mesma situação um senhor que eu sabia ser natural de Água d'Alto. Saudei-o como tal. Qual não foi o meu espanto quando ele me retorquiu: "de Vila Franca". O mesmo sucedeu, há bem pouco tempo, com um jovem que deu entrada no Centro de Saúde da Povoação. Enquanto o médico de serviço lhe soturava o joelho, estabeleci diálogo com ele. Como não o conhecia de parte alguma, perguntei-lhe de onde era natural. De Vila Franca, respondeu. Mas eu, já interessado em aprofundar esta problemática da pertença, insisti: mesmo da Vila? Não senhor, retorquiu. É duma freguesia perto, de Ponta Garça. Ora esta freguesia nem sequer é limítrofe da Vila, como o era Água d'Alto. É do extremo para o lado do nascente. Duas respostas iguais, em duas situações bem diferentes no tempo e no lugar. As duas, porém, traduzem o mesmo sentimento de pertença ao concelho. O mesmo tipo de pergunta feita a um habitante das Furnas ou da Ribeira Quente, por exemplo, tenho quase a certeza que não obteria a mesma resposta. Não tenho experiência de um habitante das freguesias deste concelho se assumirem, sem mais, "do concelho". Penso que este não tem funcionado como espaço convergente de sentimentos de pertença e de identidade, não obstante ser, administrativa e geograficamente, bem delimitado. É mais fácil obter-se um "nós colectivo" referenciado ao espaço freguesia do que relativamente ao concelho.

Apesar destas observações, estamos convencidos de que os actores sociais saberão distinguir, de acordo com as diversas situações, os interesses em jogo, quer no tocante à freguesia, quer no que se refere ao concelho, ou a outro espaço mais alargado.

Após o exposto, vamos tomar como unidade principal de referência o concelho.

Dos 29,2% dos entrevistados que afirmaram "gostar de mudar de lugar", apenas 1,8% escolheria outra freguesia do concelho como local preferido. A esmagadora maioria escolhia o estrangeiro (61,5%) ou o continente (25,5%). Isto apesar de 27,3% se considerar primeiro que tudo como "povoacense". Surge-nos aqui uma dúvida: este

"povoacense" é assumido como "habitante do concelho" — tal como foi concebido o indicador — ou como habitante da freguesia de Povoação? — o que não era pretendido. Admitindo a primeira hipótese, como conciliar estes valores com os 1,8% referidos. Não podemos menosprezar, ainda neste contexto, as percentagens atribuídas pelos jovens ao "gostar de mudar": 42,8% para 28,5% dos adultos e 20,7% dos mais velhos.

Relativamente ao grau de satisfação sentida quando o concelho é notícia, os valores acumulados são bastante significativos, 87,9%. Tal satisfação sentida e expressa, parece projectar-se em atitudes correspondentes. Assim, quando o concelho é "atacado" por pessoas estranhas, mesmo que amigas, a grande maioria — 62,4% — "reage, chamando prontamente a atenção" ao amigo de outro concelho que ouse falar mal do da Povoação. Valores estes tanto mais significativos quando comparados com os 8,8% dos que "não ligam" por concordarem com quem fala mal. Mais prontos na " reacção" são os idosos (63,4%), enquanto os adultos são os que mais concordam com o ataque (11,2%). Por níveis de instrução, a defesa mais acérrima é feita pelos que possuem mais da 4ª classe — 64,2% —, enquanto os menos instruídos, discordando embora de quem fala mal, preferem não se manifestar abertamente.

Estas altas percentagens verificadas na reacção pronta ao ataque exterior, não inibem os povoacenses de criticarem, eles próprios, o seu concelho. Assim se compreende como 70,6% considera-o "mal administrado"; 49,6% julga-o como "o mais politiqueiro da ilha" e 35,3% concorda que "tem mau ambiente". Mas esta é a crítica permitida "aos filhos", não aos "estranhos". Filhos que acreditam que o concelho "tem pessoas tão capazes quanto os outros" — 77,5% — e o que precisa é de "gente que se interesse por ele" — 93% —, pois os povoacenses "gostam muito do seu concelho" — 71,7%.

No entanto, admitindo que o sentimento de pertença deve levar ao empenhamento na acção, não nos parece poder deduzir que este seja uma constante muito notória. Isto não obstante 40,5% serem de opinião que "os povoacenses estão muito empenhados em actividades concelhias". Será caso para se perguntar: se existe essa gente empenhada, como se explica que "falta gente que se interesse por ele", como afirmaram 93%? Será isto sinónimo de um sentimento de

pertença desejado, ainda não interiorizado e potenciado tanto quanto é sentido como desejável?

Parece-nos que o sentimento de pertença, além das motivações pessoais e individualizadas, pressupõe condições sociais que colaborem no seu desenvolvimento, favorecendo, assim, a interacção e participação necessárias à constituição de uma vida comunitária efectiva no plano psico-social. Enquanto tais condições não se verificarem e as freguesias continuarem "sem se verem umas às outras", parece-nos que continuará a haver discrepâncias de valores e de referências em termos de categorias e de grupos sociais com reflexo negativo na vida do concelho. A sua imagem de identidade, como um todo, revelou-se ténue e sem nenhum elemento de interesse ou de prestígio, susceptível de ser tomado como símbolo de unidade e de pertença.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João Ferreira de - *Classes sociais nos campos - camponeses parciais numa região do noroeste*, Lisboa, ICS, 1986.
- - *Valores e Representações Sociais. (Portugal os próximos 20 anos)*, VIII Vol., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- BARROS, Afonso de - "Espaço e Sociologia" in *Sociologia: Problemas e Práticas*, Lisboa, 1990, pp.45/53.
- BERGER P.L.- BERGER B.- *Sociologia. La dimensione sociale della vita quotidiana*, Bologna, Il Mulino, 1977.
- CARNEIRO, Roberto - *Educação e Emprego em Portugal - Uma Leitura de Modernização, (Portugal os próximos 20 anos)*, V Vol., Lisboa 1988
- CARMO, Francisco; ROCHA, Gilberta; MEDEIROS, Octávio H. Ribeiro de - *Situação e Aspirações da Juventude nos Açores*, Ponta Delgada, Secretaria Regional da Juventude e dos Recursos Humanos, 1990.
- CRUZ, Manuel Braga da - "A condição social da juventude portuguesa", in *Análise Social*, nº 81/82, Lisboa, 1984, pp. 285/307.
- DUMAZEDIER, Joffre - *Vers une civilization du loisir*, Paris, PUF, 1967.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés - *Comunidade rural a Norte do Tejo*, Lisboa IED, 1980.
- FORTUNA, Carlos - "Nem Cila nem Caribdis: somos todos translocais", in: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, Coimbra, 1991, pp.267-279.
- GHIGLIONE, Rodolphe e MATALON, Benjamin - *O inquérito - teoria e prática*, Oeiras, Celta, 1992.
- GONÇALVES, Rolando Lalanda - "Utopia e emigração" in *Arquipélago, Ciências Sociais*, Vol. VIII, nº1, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1986, pp. 107/132.
- JOLLIVET, Marcel - "O mundo rural", in AKOUN, A.; BALLE, F. et al. - *Enciclopédia sociológica contemporânea*, Vol.I, Porto, Rés, s.d..

OCTÁVIO H. RIBEIRO DE MEDEIROS

- MARTINS, Moisés de Lemos - "O Discurso da Identidade e o Modo de Enunciar a Periferia", in: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 33, Coimbra, 1991, pp.203 - 215.
- MEDEIROS, Octávio; DIOGO, Fernando; TOMÁS, Licínio, - *Concelho da Povoação: Entre Identidade e Representações*, Povoação, Câmara Municipal da Povoação, 1993
- MEDEIROS, Octávio H. Ribeiro de, "O Concelho da Povoação face aos desafios da modernidade", in *Insulana*, Ponta Delgada 1991.
- , "Relações campo-cidade: dependência ou complementaridade?", in *Arquipélago*, Ciências Sociais, nº 5, Universidade dos Açores, 1990.
- , "Mundo rural: mudança e desafios", in *Atlântida*, nº 1, 2 e 3, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1985.
- MORIN, Edgar - *La Méthode de la Nature*, Paris, Seuil, 1977.
- - *O Paradigma Perdido - A Natureza Humana*, Lisboa, Pub. Europa-América, 1982.
- PINTO, José Madureira - *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos*, Porto, Afrontamento, 1985.
- - "Considerações Sobre a Produção Social de Identidade" in: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, Coimbra, 1991, pp.217-231.
- QUIVY, Raymond; et al. - *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva, 1992.
- ROCHA, Edgar - "Notas sobre a população agrícola do sexo feminino, segundo o recenseamento e segundo o inquérito permanente ao emprego: em busca de 300 000 mulheres", in *Análise Social*, nº 84, Lisboa, 1984, pp. 701-705.
- ROCHA, Gilberta Pavão Nunes - *Dinâmica populacional dos Açores no século XX*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Sousa - *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*, Porto, Ed. Afrontamento, 1989.
- VALA, Jorge "Sobre as representações sociais", in *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 4, Porto, 1986, pp. 5/30.
- WEBER, Max, *O Político e o Cientista*, Lisboa, Ed. Presença, 1979.